

MARCO GIANNOTTI

CICLO ARTE BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA
GALERIA DE ARTE DA CASA DE CULTURA MARIO QUINTANA
PORTO ALEGRE - RS
24 DE MARÇO A 13 DE ABRIL DE 1994

IEAVI

INSTITUTO ESTADUAL DE ARTES VISUAIS
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL



MARCO GIANNOTTI
São Paulo, 1966

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

- 1988 Galeria Paulo Figueiredo, São Paulo
Funarte, Rio de Janeiro
- 1990 Pasárgada Arte Contemporânea, Recife
Instalação "Os Sete Dias da Criação", I.C.I. Buenos Aires
- 1991 Galeria Paulo Figueiredo, São Paulo
Fundação Cultural de Curitiba
- 1992 Pinturas, Centro Cultural São Paulo
- 1993 Museu de Arte de São Paulo
- 1994 Galeria de Arte da Casa de Cultura Mario Quintana, Porto Alegre

EXPOSIÇÕES COLETIVAS

- 1986 9º Salão Nacional de Artes Plásticas, Rio de Janeiro
- 1987 2ª Bienal de Cuenca, Equador
3º Salão Paulista de Arte Contemporânea, São Paulo
- 1988 Desenhos, Galeria Paulo Figueiredo, São Paulo
10º Salão Nacional de Artes Plásticas, Rio de Janeiro
- 1989 10 Artistas, Rua Fortunato, São Paulo
5 Artistas Brasileiros, Galerie Raue, Bonn
Panorama da Arte Atual Brasileira – Pintura, Museu de Arte Moderna de São Paulo
O Pequeno Infinito e o Grande Circunscrito, Galeria Arco, São Paulo
11º Salão Nacional de Artes Plásticas, Rio de Janeiro
Arte Contemporânea São Paulo: Perspectivas Recentes, Centro Cultural São Paulo
- 1990 Brazil Projects 90, Municipal Art Gallery, Los Angeles/Museu de Arte de São Paulo
Panorama da Arte Atual Brasileira – Desenho, Museu de Arte Moderna de São Paulo
- 1991 Arte Contemporânea Brasileira, Liljevalchs Konsthall, Estocolmo
4ª Bienal de Cuenca, Equador
Arte Brasileira: A Nova Geração, Fundación Museo de Bellas Artes, Caracas
- 1992 Coletiva de Pintura, Galeria Paulo Figueiredo, São Paulo
- 1993 Panorama da Arte Atual Brasileira – Pintura, Museu de Arte Moderna de São Paulo
Espaço Namour, São Paulo
Pinturas, Galeria Camargo Vilaça, São Paulo
- 1994 Arte Cidade, Matadouro da Vila Mariana/Cinemateca Brasileira, São Paulo

PRÊMIOS

- 1986 Aquisição, 9º Salão Nacional de Artes Plásticas
- 1987 Prêmio Ivan Serpa, Funarte
- 1988 Aquisição, 10º Salão Nacional de Artes Plásticas
- 1990 Aquisição, 1º Salão de Brasília

Governador do Estado do Rio Grande do Sul
ALCEU COLLARES
Secretária de Estado da Cultura
MILA CAUDURO
Diretor do Instituto Estadual de Artes Visuais
JOSÉ FRANCISCO ALVES

INSTITUTO ESTADUAL DE ARTES VISUAIS – IEAVI
CICLO ARTE BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA – CABC
equipe

Assessoria de Imprensa
DÉCIO PRESSER
Ação Cultural
ELTON MANGANELLI
SUZANA VIEIRA DA CUNHA
Descentralização
RONEI KOLESNY
Núcleo de Fotografia
DENISE STUMVOLL
MARCO AURÉLIO FRAGA
Montagem de Exposições e Administração
LAURA FRÓES
CAROLINE MARTINS
ALEXANDRA ECKERT
ANA PEÑA
ADRIANO ROJAS

Órgão Consultivo – *CNAC/CABC*
Comissão Nacional para Assuntos de Curadoria
do Ciclo Arte Brasileira Contemporânea
CARLOS FAJARDO
EDILSON VIRIATO
ISABELLA PRATTA
PAULO HERKENHOFF
SÔNIA SAZSTEIN GOLDBERG

Fotos *CABC*/Marco Giannotti
NELSON KON(SP)
JOSÉ FRANCISCO ALVES (RS) Fotos Galeria/CCMQ

CICLO ABC – EVENTO TEÓRICO
Conferência "O Trabalho de Marco Giannotti"
com ALBERTO TASSINARI
22 de março
Salas de Convenções da Casa de Cultura Mario Quintana

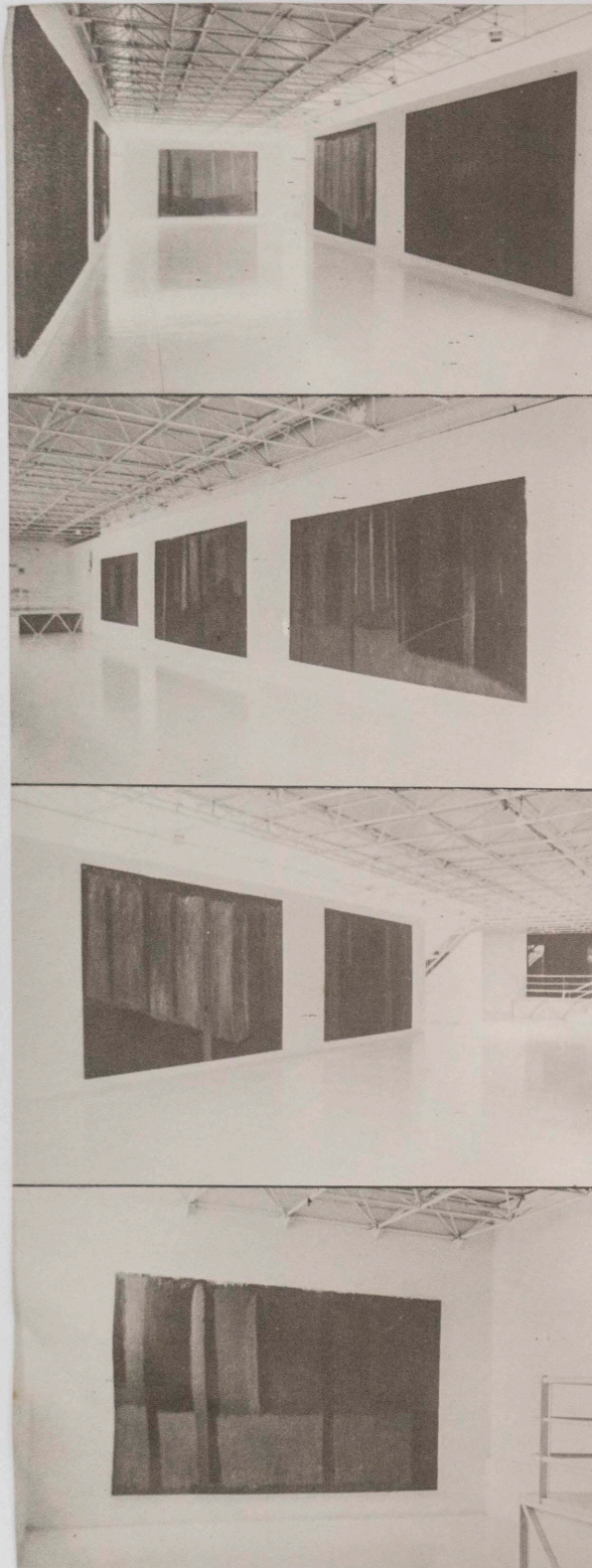
ARTISTAS DO PROJETO CABC

- 1992 Carlos Fajardo
Nuno Ramos
- 1993 Ângelo Venosa
Vera Chaves
Dudi Maia Rosa
Carlos Vergara
Jac Leirner
- 1994 Marco Giannotti
Karin Lambrecht
Iole de Freitas
Waltércio Caldas
Regina Silveira
José Resende

design gráfico do catálogo
JOSÉ FRANCISCO ALVES

O ciclo "Arte Contemporânea Brasileira" consiste em exposições individuais realizadas periodicamente pelo Instituto Estadual de Artes Visuais. O projeto mostrará no Rio Grande do Sul importantes produções nas mais diversas modalidades artísticas com vistas a ampliar a visão sobre o que de mais atual se produz no país em artes visuais.

The cycle "Brazilian Contemporary Art" constitute of individual exhibitions periodically organized by the State Institute of Visual Art. The project will show to the State of Rio Grande do Sul important works in the most variable artistics forms with the aim to enlarge the vision of the contemporary work of art in the country.



Fachadas

Uma seqüência de fachadas, lado a lado, formando um círculo irregular, quase inteiramente fechado. Uma praça. Frestas, janelas, portas – apenas insinuam-se nas superfícies coloridas. O espaço do museu, amplo e aberto, feito para proporcionar visibilidade, é radicalmente alterado. O vazio modernista é reconvertido numa praça, o vão de concreto num átrio. A cidade reduzida a seus termos essenciais.

As fachadas, coladas umas às outras, encadeiam-se como um leque. Chão, paredes e janelas compõem-se por dobras. Articulações espaciais. A referência é a imagem da cidade criada pela pintura pré-renascentista, Giotto em particular, onde a justaposição planar dos espaços dominava a perspectiva. Recriação da paisagem urbana pela pintura.

O que transforma um espaço vazio no meio da cidade numa praça – diz o urbanista vienense Camillo Sitte – é a harmonia de conjunto criada pelas construções encostadas nas outras. A ilusão de que tudo deve ser visto por todos os lados impede a integração entre o edifício e seus arredores. O fechamento do espaço, ao contrário, assegura o impacto dos grandes monumentos e dos muros de pedra dos palácios. As fachadas alinhadas das ruas servem para restringir a visão às principais edificações.

Um senso espacial de cercamento define a rua. Compreende um espaço aberto e uma moldura constituída pelas fachadas e um chão. O jogo entre a largura do chão e a altura dos prédios dá a impressão de que o céu tem uma altura definida. O alinhamento de fachadas, emparelhadas junto à calçada, organiza a paisagem da cidade. A disposição das ruas determina a visão: são perpendiculares, não paralelas, à linha do olhar.

A rua forma um todo fechado, onde o olhar não se perde no infinito. A fachada é vista de perto, implica proximidade. Como um muro, o cercamento do olhar é um dispositivo da visão. Em vez de ver de todos os lados – como pressupõe a arquitetura e a escultura modernas – o observador divide com as coisas o mesmo campo, está no meio delas.

A sinuosidade das ruas antigas fecha a perspectiva, oferecendo ao olhar, a cada momento, um horizonte diverso. Como num passeio pitoresco. Uma linha ondulada que permite ao transeunte contemplar um quadro sempre variado, pois todas as fachadas passam sucessivamente diante de seus olhos. A intenção de mostrar uma passagem é a razão de ser de muitas curvas de ruas antigas. O olhar tem de se destacar lateralmente por estas superfícies encavadas.

Uma via reta não poderia oferecer estes pontos de vista: tudo o que faz parte de seu quadro é apreendido apenas num relance. As perspectivas onduladas são quebradas por curvas que deslocam seu eixo. Assim é que as torres de uma igreja podem subitamente surgir de cima dos telhados. Ou um retíngulo – parte da linha de fachada da rua – aparecer por um momento através de uma curva, para se ocultar em seguida. Proust descreve de modo semelhante como os campanários da igreja da Matinville aparecem, para logo em seguida se perderem de vista, surgindo e desaparecendo rente às colinas, à medida em que se avança pela estrada.

Estas telas são dotadas de extraordinária leveza. Apenas uma tênue camada de tinta recobre as fachadas, desprovidas de espessura material. Transparência quase diáfana que se contrapõe à opacidade do muro. Remetem, por sua planaridade e delicadeza, aos muros de Pompéia. Não há tons puros – o que exclui toda geometrização – denotando o reiterado trabalho sobre estas telas, seguidamente lavadas e pintadas. Das estas superfícies tão fortemente chapadas criarem efeitos de atmosfera. Paradoxo de uma pintura que afirma a saturação e a superfície.

Algumas frestas têm a forma de ogivas, como as de uma catedral. A referência é, claro, Volpi – pintor que, na tradição pré-renascentista italiana, associou elementos do sagrado – as formas mais prosaicas da arquitetura e da cultura populares brasileiras. Mas toda uma pintura, desde Piero della Francesca e Mantegna, está aí: O portal – o arco – e o grau zero da arquitetura. A figura fundante da catedral.

Composições cromáticas distintas, a predominância mais clara ou escura, fazem com que estas aberturas ora levem para dentro ora se projetem para fora. Limiar entre o exterior e o interior, o público e o privado, elas constituem este espaço e tempo. Entre pintura e arquitetura, lugar e memória. Aludem ao começo. Como o Verbo, um raio na escuridão ou uma linha numa superfície vazia.

As frestas são como o raio na tempestade do paisagismo clássico. Como nos quadros de Poussin, vêm apresentar o que não pode sê-lo – o imprevisível. Um claro: luz que cega em vez de fazer ver. Algo que leva a pintura aos limites. Um corte que interrompe a continuidade espacial e o fluxo do tempo, que nos dá acesso a outra dimensão. E desta suspensão que pode brotar a presença. Colocadas lado a lado, as telas sugerem efetivamente um lugar: A praça, o templo. Fissuras que deixam entrar a memória – o tempo perdido da cidade – e o sentimento de presença que só estes lugares são capazes de provocar. A mesma sensação que nos proporcionam os túmulos, a consciência do lugar sagrado. Instante que interrompe o caos da história e recorda que ali algo tem lugar. A pintura pode criar este lugar?

E possível, hoje em dia, construir catedrais? A questão do sagrado no mundo profano. Remete ao problema central da arte contemporânea: o seu lugar. Butor comenta a encomenda feita à Rothko de uma série de painéis para um restaurante de Nova York. Não se tratava de um lugar qualquer, mas de um edifício símbolo da cidade. Toda a questão do lugar: da obra de arte na metrópole está colocada aí.

Mondrian encontrou na trama geométrica das ruas e nas estruturas espelhadas dos prédios da cidade a realização de seus projetos, o lugar para suas obras. Rothko, ao contrário, defronta-se com Nova York quando já havia se tornado evidente que aqueles grandes ângulos haviam sido impostos artificialmente a um solo urbano caótico, com o qual não mantinha qualquer ligação. Sua arte responde a uma cidade tomada por uma infinidade de objetos e indivíduos disparatados, que perderam qualquer lembrança de suas verdadeiras relações. Uma pietosa que tudo avilta. Daí a questão: como, no meio disso tudo, uma inscrição verídica poderia encontrar seu lugar, fazer-se ouvir nesta algazarra?

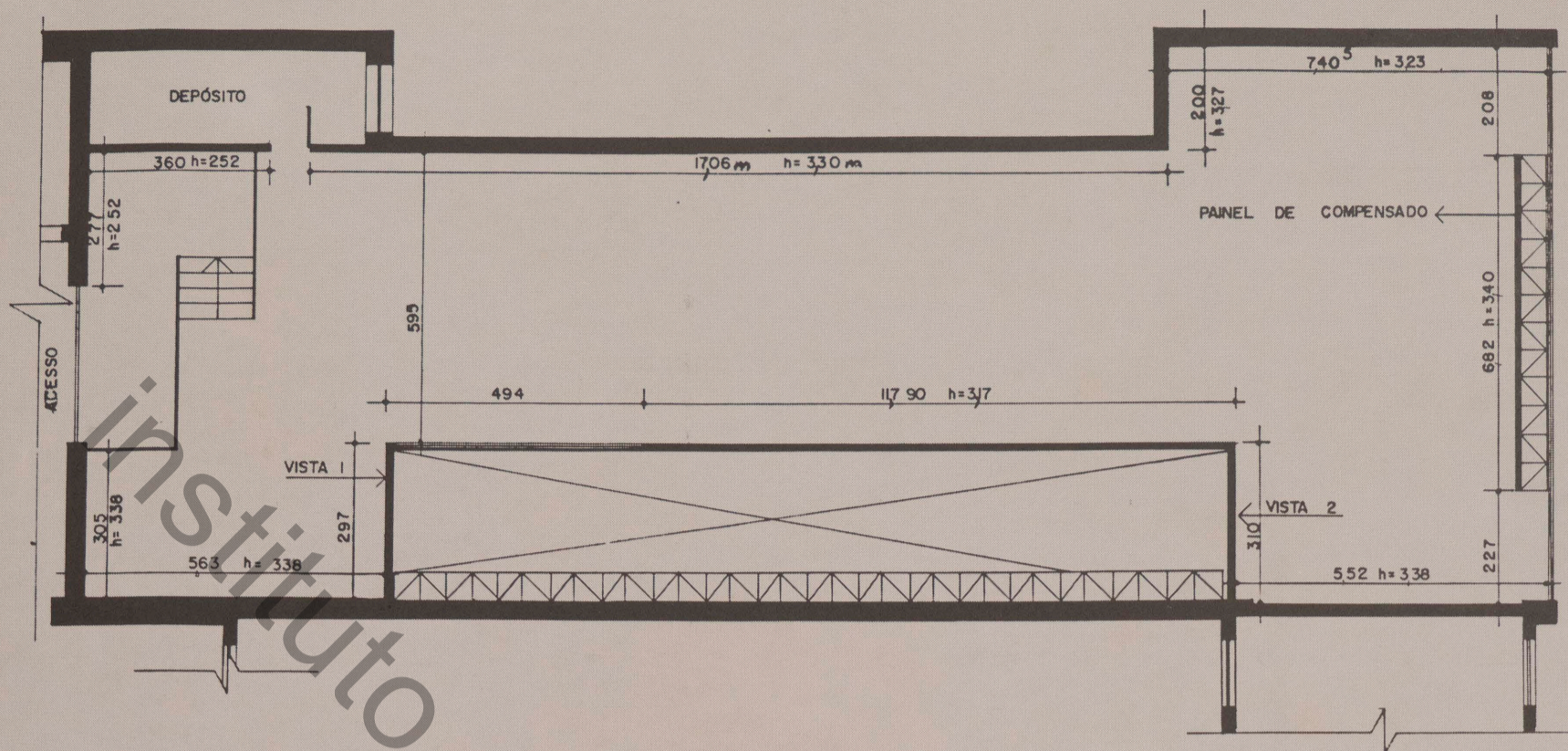
Seria preciso abrir nesta saturação uma clareira – a praça – onde se possa encontrar o repouso que requer a reflexão. Tal como, nas cidades muçulmanas, à confusão e sujeira do bazar se contrapõe o santuário de silêncio da mesquita, instaurado pela pintura em pleno tumulto da cidade moderna um lugar de aeração, de purificação de julgamento. Construir "mesquitas de Nova York".

Os painéis de Rothko são dotados de largas margens, evidenciando a incompatibilidade entre pintura e o local. Já os quadros de Marco Giannotti, não por acaso, são telas muito grandes. Feitas para envolver, para conformarem um espaço. Virtualmente intransportáveis, são ligadas ao local – que as inspiraram, em que foram feitas ou onde se instalaram, invocam um lugar e um momento singulares, insubstituíveis. É isso que faz destas fachadas, uma praça, a improvável catedral. Um lugar.

NELSON BRISSAC PEIXOTO

OBRA À ESQUERDA (detalhe)
"TRÊS FACHADAS", 250 x 450 cm
Óleo sobre tela, 1993

CICLO ARTE BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA
CYCLE BRAZILIAN CONTEMPORARY ART



CICLO ARTE BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA – CABC
GALERIA DE ARTE DA CASA DE CULTURA MARIO QUINTANA
Rua dos Andradas, 736 – 6º andar – PORTO ALEGRE-RS

INSTITUTO ESTADUAL DE ARTES VISUAIS – IEAVI
Rua dos Andradas, 736 – 2º andar
90020-004 – PORTO ALEGRE-RS
(051)221-7147 R. 227/275 (FAX)221-0956

GRUPO EMPRESARIAL SÚR

SÚR
ELEVADORES
SIS - Sistemas Inteligentes Súr

PORTO ALEGRE CITY HOTEL

HELIOS

DURHAM
RESTAURANTE
E GRELHADOS

Rua Riachuelo, 1300 - P. Alegre, RS
Fones: (051) 226-4120 226-0700


CAFÉ
DOS CATAVENTOS

Rua dos Andradas, 736 - Térreo - Porto Alegre - RS
Fone: 332.2900

GOVERNO DO ESTADO

PETERLONGO

Rua Manoel Peterlongo F., 216 - Fone: 054 262.1355 - Fax: 054 262.1087
Garibaldi - RS - Brasil

 SECRETARIA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
FAPERGS

EDEL